

AGRICULTURA FAMILIAR NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ, AMAZONAS.

Kayo J. C. Pereira¹; Elizabeth A. Veasey²; Raimundo S. Reis³, Bianca F. Lima³; Daniel P. Arantes³; Amintas Lopes³

INTRODUÇÃO - A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA), é uma importante unidade de conservação situada na porção central do estado do Amazonas, no interflúvio dos rios Negro e Japurá. Constitui uma das maiores unidades de conservação do país, ocupando um território de mais de dois milhões de hectares, composto por ecossistemas de várzea e terra firme. Nela residem populações tradicionais não indígenas tipicamente ribeirinhas (caboclos amazônicos e arigós-descendentes de nordestinos que vieram para a região na ocasião do ciclo da borracha), totalizando aproximadamente 2000 pessoas, dispostas em 24 comunidades, que tem na agricultura a importante atividade econômica.

A agricultura existente na RDSA é tipicamente tradicional: a família é célula organizadora dos processos, a produção de pequena escala (principalmente de mandioca) é voltada para subsistência, e as práticas de manejo ainda são muito parecidas com as conduzidas a centenas de anos pelas populações indígenas na região. Os sistemas agrícolas praticados nas comunidades da RDSA, assim como em boa parte da Amazônia são caracterizados, entre outros fatores, pela intensa utilização dos recursos naturais, e por apresentarem uma estreita interface com o ambiente local, sendo manejados sob uma lógica sucessional que os aproxima, de certa forma, aos ecossistemas naturais. Trata-se de uma complexa interação entre ambiente, cultura e sociedade, que promove o desenvolvimento de processos produtivos capazes de garantir a subsistência das famílias sem provocar maiores danos na cobertura vegetal. Esse arranjo produção-conservação é influenciado não só pela ordem econômica (formas locais de organização da produção, do trabalho e do espaço), mas também por aspectos de ordem moral que governam esse campesinato e pelos modos de vida.

Portanto, diversos fatores devem ser levados em conta ao se estudar esse campesinato e sua relação com o ambiente, e principalmente durante a proposição de projetos de desenvolvimento local e políticas públicas. Dada a importância do componente humano para a conservação do meio ambiente e para o desenvolvimento regional, e da agricultura como atividade organizadora do espaço e das relações sociais

¹Doutorando em Ecologia de Agroecossistemas, PPGI-EA/USP – kayo@esalq.usp.br; ²Prof. Dra., Departamento de Genética, Esalq/USP ²; ³Programa de Agricultura Familiar, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Tefé-AM

na Amazônia, o estudo das estratégias locais de produção se faz muito importante.

O objetivo deste trabalho é caracterizar, a partir dos pressupostos da análise sistêmica (metodologia de sistemas agrários) e da pesquisa etnográfica, a organização da produção agrícola familiar da RDSA, visando obter subsídios para a reflexão coletiva (que envolve agricultores, técnicos e gestores públicos) e ações de manejo participativo.

MATERIAL E MÉTODOS - O trabalho foi realizado no período transcorrido entre janeiro e novembro de 2002, em quatro comunidades da RDSA (02°42'26''S; 64°45'02''W), sendo duas de terra firme, Boa Esperança (BE) e Boa Vista do Calafate (CA), e duas de várzea, Nova Olinda (NO) e São Paulo do Coraci (SP). Participaram da pesquisa 45 famílias, o que significa um universo amostral de 67%. Foram utilizadas as metodologias da entrevista semi-estruturada, observação participante, história de vida e história oral, além de técnicas de diagnóstico coletivo, baseadas nos princípios do diagnóstico rural participativo. Foram também realizadas visitas às unidades de produção, onde foram coletados os principais dados agronômicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - Nas comunidades de terra firme, a agricultura é a principal atividade econômica (com a mandioca sendo a principal espécie cultivada na região), e a pesca é realizada apenas para fornecimento de proteína animal para as famílias. Já nas comunidades de várzea, dados os riscos impostos pelo ambiente à atividade agrícola, ocorre o contrário, com a pesca assumindo maior importância na geração de renda. Na várzea o regime fluvio-dinâmico condiciona a dinâmica temporal e produtiva. A atividade agrícola só é possível nos períodos de *vazante* e *seca*, uma vez que durante a *enchente* e a *cheia*, as áreas ficam alagadas (o nível da água pode subir até 12 metros). O tempo disponível para cultivo portanto, normalmente não ultrapassa 6 meses, o que implica na elaboração e adoção de estratégias produtivas adaptadas a estas condições. As cheias por sua vez trazem sedimentos, promovendo uma fertilização no terreno, e permitindo sua utilização por vários anos sem necessidade de pousio. Isto é impossível na terra firme, onde os solos são extremamente pobres em nutrientes, e o período para cultivo da mandioca não ultrapassa dois anos, havendo necessidade de pousio e migração para novas áreas.

Foram detectados seis tipos principais de sistemas de produção: o *roçado*, cultivado com culturas anuais, principalmente mandioca e o *roçado de barranco*, situado nos barrancos situados às margens dos rios; os *sítios* e os *quintais*, onde são cultivadas as espécies perenes, principalmente frutíferas e madeireiras, em um consórcio aleatório e multiestratificado; os *cultivos de praia* (onde são plantadas as espécies mais precoces,

como feijão e melancia) e os *bananais*. A diversidade de espécies cultivadas em uma mesma área pode variar desde a monocultura da mandioca em alguns roçados, aos sítios onde se cultivam mais de 50 espécies. Entretanto é pouco comum observar áreas onde não se cultivam no mínimo três espécies. Cada agricultor pode ter várias unidades de produção (vários sítios e vários roçados, por exemplo), que normalmente não são dispostas de forma contígua, como ocorre na agricultura familiar do centro-sul do país, mas sim de forma aleatória, com as unidades espalhadas ao longo das áreas das comunidades, podendo distar umas das outras em até 2 km. A escolha da área a ser plantada segue diversos padrões e critérios de zoneamento, escolhidos em função do risco de inundação; tipo de formação vegetal existente; tipo de solo; disponibilidade de áreas e da distância entre as áreas de produção e as comunidades.

A agricultura praticada na reserva é tipicamente itinerante, com preparo do solo tipo derruba e queima, seguido de pousio. A escala de produção é muito pequena, assim como os impactos que ela causa na cobertura florestal. Nas áreas de terra firme, a ocupação é maior e o uso do solo é mais intenso, havendo um maior número de áreas e hectares cultivados por família de agricultor, e uma maior movimentação, com áreas sendo abertas e abandonadas com mais freqüência que na várzea (devido à escassez de nutrientes no solo), onde o solo é anualmente fertilizado. São derrubados em média 1,5 ha de mata por ano, nas comunidades de terra-firme, e 0,5 ha nas comunidades de várzea.

A organização do trabalho varia de acordo com a comunidade. A família é célula organizadora da produção e as relações de parentesco governam a vida, bem como as relações de trabalho nas comunidades. Participam do trabalho agrícola todos os componentes da família, homens, mulheres e crianças, que a partir dos 7 ou 8 anos já vão para o roçado. Nas comunidades de terra firme, é mais freqüente a participação das mulheres, comparando com as de várzea, onde o trabalho feminino é mais voltado para as atividades da casa. A média de mão-de-obra encontrada foi de 3 pessoas por família. O trabalho pode ser organizado de forma individual (trabalho realizado apenas por membros da própria família) ou coletiva (alocação de mão-de-obra externa, envolvendo membros de várias famílias, através da realização de mutirões, conhecidos localmente por *ajuri*, ou de troca de dias). Há também casos de contratação de mão-de-obra externa remunerada, feita por meio do pagamento de diárias. Nas comunidades onde ocorre maior inserção do mercado, e a produção é mais intensiva, praticamente não existe mais trabalho coletivo. Já a utilização de mão-de-obra da própria família exclusivamente, só foi

detectada nas comunidades de várzea, onde a produção visa unicamente o consumo das famílias. Houve apenas um caso de comunidade onde o trabalho é totalmente desenvolvido de forma coletiva.

Nas comunidades de terra firme, todas as famílias que participaram dessa pesquisa comercializavam farinha de mandioca. Já nas comunidades de várzea, a comercialização foi detectada em apenas uma, e mesmo assim em 75% das famílias. Já os demais produtos, como frutas (principalmente cupuaçu, pupunha, abacate e abacaxi) e artigos do extrativismo (castanha e açaí), são comercializados apenas nas comunidades de terra firme. Os produtos da criação de pequenos animais (porcos e galinhas) são comercializados apenas dentro das próprias comunidades. A produção voltada para o mercado externo, quando realizada, é feita junto a regatões, e principalmente na cidade de Tefé (o centro urbano mais próximo), junto a atravessadores e na feira livre. O transporte é feito em pequenos barcos (*batelões*) e em canoas dotadas de motores de baixa potência (conhecidas por *rabetas*).

Os resultados deste trabalho realçam a importância da agricultura familiar para a reprodução social e geração de renda nas comunidades da reserva, bem como seu papel estratégico para a conservação dos ecossistemas locais. A agricultura praticada na RDSA ainda é bastante tradicional. Entretanto, as relações sociais dentro das comunidades e os modos de vida estão se alterando a medida em que as influências externas vão aumentando, e que o processo de globalização vem atingindo a vida dos ribeirinhos. Isto pode ser verificado, nas mudanças que vem ocorrendo nas relações de trabalho (que tende cada vez mais a individualização), nas práticas de manejo (redução da agrobiodiversidade, redução dos períodos de pousio) e nas relações com o mercado (que tendem a se intensificar, com a produção tendendo a ser mais especializada). Estes fenômenos não devem ser negligenciados, e devem servir como motivação para uma reflexão coletiva acerca do futuro da agricultura familiar na região. A convivência das populações com a floresta e o conhecimento tradicional tem sido nestes últimos séculos, elementos condicionadores da preservação ambiental na Amazônia. Propostas de manejo, e políticas públicas não podem ser elaboradas sem que estes fatores, e as mudanças que vem sofrendo ao longo do tempo sejam levadas em consideração.

AGRADECIMENTOS - Os autores agradecem a todos os moradores da RDSA, principalmente das comunidades Boa Esperança, Calafat, São Paulo e Nova Olinda pelo carinho, recepção e apoio nos trabalhos de campo; a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo fornecimento de bolsa de estudos; e ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), pelo apoio financeiro e operacional que viabilizou a realização desta pesquisa.

HOMENAGEM PÓSTUMA - A companheira Sílvia Amélia Wandalsen Roenick, que ficará para sempre no coração de todos nós.